**FACULDADE FASUL EDUCACIONAL**

CLEIDIANE MACHADO MARVILA

**ALFABETIZANDO E LETRANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

**LEITURA E ESCRITA.**

Marataízes – ES

2023

CLEIDIANE MACHADO MARVILA

**ALFABETIZANDO E LETRANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

**LEITURA E ESCRITA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Fasul Educacional, proveniente da disciplina Metodologia de Pesquisa Cientifica, e orientado pela Prof. Ana Maria Soek, como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduada em Educação Infantil.

Marataízes - ES

2023

**RESUMO**

Este trabalho lança um olhar crítico e reflexivo sobre a alfabetização e letramento propondo a discussão das mudanças conceituais e metodológicas na trajetória de alfabetização de crianças no contexto escolar. Para atingir esse objetivo a abordagem dos enfoques, dos sentidos e desafios que são importantes para a construção do conhecimento dessa temática foram contemplados em diferentes concepções teóricas. Para tanto, foram destacados os seguintes aspectos: a) alfabetização e letramento na Educação Infantil; b) alfabetização e letramento: algumas considerações; c) a escrita; d) a leitura; d) um relato de experiência alfabetizadora utilizando os gêneros textuais. Vale ressaltar que é fundamental que os docentes compreendam o que é alfabetização e o que é letramento para poderem desenvolver melhor sua prática pedagógica, visando uma alfabetização significativa. Trabalhando a alfabetização e letramento, a escola deverá proporcionar atividades para que a criança compreenda e valorize as funções sociais da escrita, tenha compreensão da importância e utilidade da leitura, desenvolvendo o gosto pela mesma. A escola deverá encontrar espaços e estratégias para incentivá-la, criando bibliotecas e cantinhos de leitura. Este trabalho fundamenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos embasamentos teóricos de Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Carmem Sampaio, entre outros. Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a melhoria das práticas alfabetizadoras na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

**PALAVRAS-CHAVES:** Aprendizagem. Leitura e Escrita. Práticas Pedagógicas.

**ABSTRACT**

This work put a critical look and reflexive on the literacy and reading proposing the discussion from the conceptual changes and methodological in the trajetory of the children literacy in the school context. To find this objective the approach of the focus, the signification and the challenge that are important to the construction of the knowledge from this theme were contemplated in different theoretical conception. For this reason, the following aspects were detached: a) literacy and reading in the early childhood education; b) literacy and reading: some considerations; c) writing; d) reading; d) a report about the literacy experience using the textual genres. It´s so important to observe that it´s fundamental that the teachers understand what literacy is and what reading is, this way they can develop better their pedagogical practice, in view of a significant literacy. Working the literacy and reading, the school can provide activities to the children understand and enrich the social functions of the writing, have a comprehension of the importance and utility of the reading, developing the pleasure for this. The school must find places and strategies to encourage them, making libraries and little corners of reading. This work are based in the “Parâmetros Curriculares Nacionais” and in the theoretical basement from Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Carmem Sampaio, among others. Waiting that this work can contribute to the improvement of the literacy practice in the early childhood education and in the initial series from the basic education.

KEY-WORDS: Learning. Pedagogical practices. Reading and writing.

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO...........................................................................................................09

2 CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL......................................................................................................................11

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....................15

4 A ESCRITA.................................................................................................................18

5 A LEITURA.................................................................................................................20

6 RELATO DE EXPERIÊNCIA UTILIZANDO GÊNEROS TEXTUAIS.....................................................................................................................23

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS........................................................................................28

REFERÊNCIAS.............................................................................................................31

**1 INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa traz reflexões sobre a proposta e os desafios de se alfabetizar e letrar na Educação Infantil e da prática pedagógica de atividades lúdicas e contextualizadas conduzindo esse processo de aprendizado como forma de obter os resultados esperados.

A pesquisa tem como título “Alfabetizar e Letrar na Educação Infantil: a leitura e escrita do mundo, a leitura e a escrita das palavras” e para tanto, foram utilizadas livros e revistas especializadas que viessem agregar a reflexão e a discussão da construção de leitura e escrita com crianças de 6 meses a 4 anos na Creche e com crianças de 4 e 5 anos na Pré-Escola.

Enquanto educadora inquietação a cerca da alfabetização e da compreensão da natureza da escrita e de suas funções e usos pairaram no curso da minha vida acadêmica. No intuito de tentar encontrar respostas a essas perguntas iniciei o estudo das fundamentações teóricas, observação *in loco* e participação em turmas de Educação Infantil de uma escola da rede municipal, localizada no bairro Vila Rica, em Cachoeiro de Itapemirim, com o objetivo de analisar a prática do regente de turma e a apropriação do conhecimento da criança relacionado à fala e à escrita no processo de alfabetização.

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, abordagens metodológicas mecanizadas em sala de aula, reprovações e evasão escolar.

Atualmente, essa questão vem recebendo atenção especial da parte dos órgãos federais, os quais, entretanto, não têm obtido resultados expressivos em suas tentativas de solucionar os problemas citados.

Primordialmente, a alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura. Alfabetizar não é uma tarefa simples e fácil, ao contrário, ao se alfabetizar, além de tornar a criança capaz de ler e escrever é preciso também envolvê-la nas práticas sociais da leitura e escrita de modo que aprendam a fazer uso delas.

Para tanto, é preciso que o professor alfabetizador domine conhecimentos específicos referentes à construção da escrita e leitura pela criança a fim de que possa efetivamente auxiliá-la neste processo. É preciso que o professor tenha, antes de tudo, o domínio do conceito de alfabetização e de letramento, que saiba diferenciá-los e que consiga garantir as especificidades de cada um dentro do processo de aprendizagem.

A alfabetização está relacionada ao domínio dos procedimentos de leitura e escrita. Neste sentido, pode-se definir alfabetização como um processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e escrever. Já o letramento refere-se ao uso da leitura e da escrita nas práticas sociais cotidianas.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9493/96 educadores despontam uma nova compreensão do que seja e a que se destina esse momento de escolarização. Estudiosos enaltecem que a Educação Infantil é um espaço de formação, no qual a aprendizagem e o desenvolvimento são assegurados pela qualidade e variabilidade das vivências propiciadas. A sociedade também vem demonstrando uma consciência maior em relação à importância da Educação Infantil. A Secretaria Municipal de Educação de Marataízes direciona todas as atividades da Educação Infantil na “Proposta Pedagógica: Uma experiência coletiva em foco”, que ressalta que o tempo e o espaço desse segmento de ensino precisam ser permeados pela ludicidade, pela convivência de múltiplas linguagens e pela existência de situações que favoreçam a formação da autonomia de cada criança. Não adianta o professor desejar progredir tarefas sem significados, estimulá-las em excesso ou forçá-las a aprender aquilo que não integra o seu universo de interesse.

A leitura, escrita e sua aprendizagem são temas de constantes discussões na escola de Educação Infantil. É preciso, no entanto, que os professores entendam o ato de leitura como um ato de compreensão de uma mensagem escrita e não apenas como uma aprendizagem centrada nas habilidades de decodificação. A aprendizagem da leitura é um processo contínuo, que se inicia antes da escolarização e vai além dela, se a entendermos como uma habilidade interpretativa.

É necessária uma sólida formação do professor atuante na Educação Infantil que lhe garanta conhecimentos teóricos consistentes, a fim de que ele consiga oferecer às crianças, em sua prática de sala de aula, oportunidades ricas e significativas de interagir com a linguagem e construir seus conhecimentos acerca da leitura e escrita.

Por questões didáticas, este trabalho está organizado em seis partes: a primeira, refere-se à introdução e às fundamentações teóricas de vários autores que tratam a temática; a segunda aborda as concepções sobre alfabetização e letramento na Educação Infantil, sua proposta pedagógica, as diversas metodologias e práticas de ensino; a terceira algumas concepções sociais e históricas da alfabetização e letramento; a quarta faz menção à compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos indispensáveis ao processo de alfabetização, o quinto enaltece a importância da prática da leitura como valor técnico para a alfabetização e enfatiza que a leitura é a realização do objetivo da escrita e por último o relato de uma experiência utilizando gênero textual no ambiente alfabetizador na escola na qual foi realizada a minha observação-participativa, além das considerações finais.

Espera-se com esse trabalho contribuir para que os professores possam compreender o processo de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos, compreendendo assim, de modo específico o processo de alfabetização.

**2 CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96, em seu artigo 29 a Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral, da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, RCNEI, (1998, vol.1, p.17) corrobora com a LDB sobre a necessidade do desenvolvimento integral da criança ao afirmar que

Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos.

Embora, muitos educadores, duvidem que haja realmente esse consenso, os mesmos questionam qual a verdadeira finalidade da Educação Infantil. Muito mais que um espaço de brincadeiras, de atividades lúdicas, de cantar músicas e de desenhar, podemos considerá-la como um espaço de construção de conhecimento, conforme acredita Sampaio (1993, p.76) que a Educação Infantil deve ser “um espaço de construção de conhecimento, onde a criança, ponto de partida para o processo ensino-aprendizagem, é visto como sujeito.”

Garcia (1993, p.19) também acredita que

(...) a função da educação infantil não é apenas dar continuidade à aprendizagem da linguagem escrita, uma entre tantas linguagens, mas contribuir para que as crianças vivenciem as diferentes linguagens e usá-las para se expressar – a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem plástica, a linguagem fotográfica, a linguagem do vídeo, a linguagem da mímica, a linguagem teatral e, por que não, a linguagem da informática. (GARCIA, 1993, p.19)

Com isso, podemos perceber também que uma das funções da Educação Infantil é permitir a aprendizagem da linguagem escrita, da iniciação alfabética, onde as crianças possam experimentar tentativas de escritas através de atividades que contemplem a ludicidade, a expressão oral, o contato com diferentes gêneros textuais, avançando em suas hipóteses de leitura e escrita.

O cuidar e o educar na Educação Infantil sempre foram atrelados, e percebe-se no fazer pedagógico dos educadores uma preocupação de estarem ofertando atividades que favoreçam a alfabetização e o letramento. Uma vez, que a criança vive no mundo letrado e com isso é direito dela se apropriar da leitura e da escrita. Indagações como: “Seria justo subestimar as experiências das crianças em um mundo letrado”? “Estaria correto desconsiderar as curiosidades, os desejos da criança num mundo letrado?” “Por que as crianças devem escrever”? “Para quem devem escrever”? “É possível alfabetizar a partir das brincadeiras, das interações e socializações na Educação Infantil”? Permeiam os educadores deste segmento de ensino.

Para Secchi e Almeida (s/d, p.3)

As atividades que privilegiam o brincar constituem possibilidades reais para as crianças interpretar e compreender o mundo adulto. Nas brincadeiras, a criança desenvolve sua capacidade imaginativa, que se constitui em função interpretativa e compreensiva da realidade. (SECCHI e ALMEIDA, s/d, p.3)

Desta maneira, é por meio das brincadeiras que as crianças procuram ler e interpretar o mundo que vivem, que interagem com os objetos e sujeitos envolvidos em sua brincadeira e em sua imaginação, uma vez que, a interação é um fator preponderante na relação desenvolvimento/aprendizagem, pois é através de suas interrelações com os outros que a criança se desenvolve cultural e individualmente. Assim, por ser um ser social, a criança necessita do outro para seu desenvolvimento e aprendizagem.

Ao se relacionarem com o professor, ao mesmo compete planejar aulas contextualizadas vislumbrando a teoria e a prática do alfabetizar, abstendo-se de teorias tradicionais, os pré-textos e atividades mecanizadas. Cabe ao professor contemplar atividades lúdicas, com alfabeto móvel, proporcionando a motricidade da criança e priorizando a construção da criança. É preciso evitar atividades prontas, xerografadas e sem sentido.

Os comandos das atividades precisam ser claros e feitos com letra palito para maior entendimento das crianças. É essencial mantermos as crianças ativas, envolvidas com suas atividades, compartilhando com os adultos e demais crianças seus pensamentos, intenções e planos.

A partir dessa perspectiva, a Educação Infantil também prepara a partir de atividades que desenvolvam habilidades que a criança aprenda (ou tente) a ler e escrever. Não basta, apenas ensinar tradicionalmente as vogais maiúsculas e depois as minúsculas ou cobrir pontilhados para formar a vogal “a”, se a criança não compreende que esta marca gráfica é uma letra, que compõe a sequência alfabética e que aprender a leitura e a escrita da mesma tem uma importante função social: a comunicação. É preciso uma educação que faça sentido para a criança tanto no presente quanto para o futuro.

Decidir iniciar a alfabetização na Educação Infantil é um passo muito importante e nem todo educador vê com bons olhos essa responsabilidade, jogando esse compromisso para os professores do Ensino Fundamental. Muitos preferem trabalhar com turmas que já saibam ler e escrever.

O trabalho realizado na Educação Infantil pelos professores tem como objetivo “o desenvolvimento de habilidades perceptivo-motoras necessárias ao momento da alfabetização” (SAMPAIO, 1993, p.54).

O problema observado é que a alfabetização é vista como um momento estanque na vida escolar dos alunos e com isso torna-se uma das principais razões ligadas ao fracasso escolar. Com isso, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita fica restrito apenas àquele período letivo e, prosseguindo sua vida escolar, o aluno vai aprimorando essa aprendizagem conhecendo regras de ortografia e de gramática.

Dúvidas como: “Será que isso é alfabetizar?” Ou “Há um momento certo para iniciar a alfabetização?” ecoam sobre nós educadores e podemos enfatizar que não há uma receita pronta para alfabetizar os alunos, mas caminhos a serem seguidos, como os métodos. Os métodos de alfabetização podem ser analíticos ou sintéticos, apresentando vantagens, desvantagens e possibilidades de aplicação.

Observa-se na prática pedagógica de alguns educadores a insistência em alfabetizar ensinando as palavras-chaves, a decomposição das palavras em sílabas, à realização de exercícios de escrita através de ditados e cópias de letras, sílaba e palavra de maneira isolada, contextualizadas com cartilhas e exercícios de pontilhados.

Os educadores precisam compreender que alfabetizar não é seguir rigidamente a cartilha e ensinar letras ou sílabas de forma descontextualizada e “soltas no ar.”

Entende-se por alfabetização como um processo em que os alunos formulam hipóteses sobre o sistema de escrita e muitos educadores não compreendem de fato a psicogênese da língua escrita de Ferreiro, e diante disso, não valorizam os conhecimentos dos alunos, passando inúmeras tarefas de cópia, sem sentido.

A alfabetização na Educação Infantil é um desafio instigante, mas como iniciar o processo de alfabetização antes do 1º ano, em turmas de Educação Infantil?

Conforme Kramer e Abramovay (1985, p.104) a alfabetização não é “um momento que se inicia repentinamente, mas é um processo em construção.” Processo que, não se inicia na escola, segundo Perez (1992, p.66)

A alfabetização é um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa, de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida a fora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola, paralelamente à escola. A criança vai construindo conhecimentos sobre o mundo em que vive. Nesse processo de construção está inserida a escrita, como um objeto cultural socialmente construído. (PEREZ, 1992, p.66)

A alfabetização “inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos,” defende Ferreiro e Teberosky (1999). Acredita-se que nenhuma criança entra na escola regular sem nada saber sobre a escrita. Desta forma, a alfabetização não é um momento estanque que ocorre em um determinado período da vida escolar do educando, ela é um processo que acontece antes, durante e depois da vida escolar.

**3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Há décadas a alfabetização tem sido uma questão bastante discutida. Nos anos 80, as discussões nessa área eram restritas à eficácia dos métodos, o material utilizado e os professores preocupavam-se apenas com o treinamento de determinados sons e letras. O professor transmitia o conhecimento e a escrita era considerada um produto pronto e acabado. O aluno era apenas recebedor de informações e a aprendizagem acontecia de fora para dentro.

Com a divulgação da perspectiva psicogenética da aprendizagem da língua escrita ainda na década de 80, desenvolvida por Ferreiro e Teberosky, as pesquisas sobre alfabetização aumentaram e se direcionaram não mais para os métodos, mas sim, para o processo de aprendizagem da criança, na construção de conceitos sobre a língua escrita.

Na década de 90, as ideias construtivistas foram se desenvolvendo e alguns educadores chegaram a pensar que o processo de decifração da escrita era um erro, passando a desprezá-lo, assim como as cartilhas, substituindo a decifração pelo letramento.

A partir do final do séc. XX, novas ideias começaram a surgir e cada vez mais o desafio de todos os professores comprometidos com a educação fortaleceu a necessidade de estabelecimento de uma proposta que equilibrasse os eventos de alfabetização e letramento na sala de aula.

Em 1996, o MEC publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais que fazem críticas aos modelos tradicionais e oferecem uma nova proposta de alfabetização, abandonando o domínio do “be-a-bá” como pré-requisito para o ensino da língua, mostrando a necessidade da simultaneidade entre os dois processos. Com relação à leitura, o documento sugere que os alunos devem ser capazes de antecipar o que vão ler, fazendo inferências. A proposta com relação à escrita é de que seja feita oferta aos alunos de variadas oportunidades para aprenderem a escrever em condições parecidas às que caracterizam a escrita fora da escola, ou seja, que aprendam a escrever, escrevendo.

Compreendemos que a alfabetização e letramento são conceitos diferentes, uma vez que envolve conhecimentos e habilidades distintas. Porém, são processos indissociáveis, simultâneos e que precisam caminhar juntos. De acordo com Soares (2004, p.14)

(...) a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p.14)

É considerado alfabetizado aquele que aprendeu o sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, ou seja, adquiriu a natureza linguística deste objeto, sendo, portanto, capaz de ler e escrever. Já o letrado é “não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2004, p.40).

Entretanto, sabe-se que o fenômeno do letramento é complexo, pois abrange uma gama de conhecimentos, capacidades, valores, usos e funções sociais, sendo desta forma, difícil defini-lo e, sobretudo, avaliá-lo.

Assim, a alfabetização fica parecendo ser o “o quê” e o letramento o “como” e o “por quê” da leitura e da escrita.

Essa diferenciação ocorre porque o processo ensino-aprendizagem da maioria das escolas brasileiras de fato não operam com um conceito mais amplo de alfabetização, tal como acredita Ferreiro e Teberosky.

Estudiosos defendem a importância dessa diferenciação entre alfabetizar e letrar como meio de chamar a atenção para o processo ensino-aprendizagem de leituras e escritas com sentido, com valor e com usos sociais.

Para Freire o ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (1989, p.09). Acrescenta ainda, que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra.” Isso quer dizer que desde que somos concebidos realizamos leituras do mundo e com o passar do tempo vamos buscando compreender e interpretar o mundo no qual vivemos. E a linguagem escrita faz parte desse mundo. Podemos talvez interpretar que a leitura de mundo na qual Freire se refere possa estar relacionado ao conceito de letramento.

Segundo Abramovich (1999) uma criança ao ouvir histórias, começa a contemplar de forma mais clara seus sentimentos em relação ao mundo. Sendo assim, o trabalho com as letras do alfabeto através da leitura na Educação Infantil, faz com que as crianças e bebês desenvolvam sua atenção, oralidade e memória.

De acordo com Sampaio (1993, p.53), para discutir a alfabetização na Educação Infantil é necessário não apenas refletir sobre sua função, mas também sobre os conceitos de alfabetização. Entende-se a alfabetização como um processo em construção permanente que se inicia desde o primeiro dia de vida da criança, concebendo como o ato de ler e escrever em diferentes linguagens do mundo.

A escola precisa ser um espaço de acesso a todas as linguagens, preparando a criança não somente para a aprendizagem da escrita, mas também como uma forma de ampliar sua capacidade comunicativa. Deveriam tratar a leitura de forma bastante ampla, ensinando seus alunos a ler e escrever sons, imagens e não apenas letras. E para isso, deve estimular a escrita com vários materiais, como argila, sucatas, fotos, pincéis e tintas, etc.

Nessa perspectiva, Perez descreve um ambiente alfabetizador na Educação Infantil

(...) a criança encontra a oportunidade de exercitar com segurança seu potencial criativo e sua capacidade expressiva. Através do uso de várias linguagens a criança expande sua atividade, libera suas fantasias, exercita a imaginação, ao mesmo tempo em que constrói conhecimentos sobre a leitura e a escrita, num universo particular repleto de sentido e significado (PEREZ, 1993, p.101).

A alfabetização na Educação Infantil extrapola o saber das vogais, a escrever o nome, ou a contar de zero a dez, vai além da mera formação de hábitos e da abstrata proposta de desenvolver globalmente a criança.

Desta maneira, a alfabetização na Educação Infantil extrapolando o saber das vogais, a escrita do nome, deve dar sentido à aprendizagem da leitura e da escrita possibilitando a criança a perceber o sentido nesta forma de comunicação e compreender a função social da escrita, ou seja, a Educação Infantil, além de alfabetizar, deve também letrar.

Assim, a Educação Infantil constitui-se como um espaço de produção de conhecimentos onde “cada descoberta cria possibilidade para novas descobertas, cada conhecimento novo capacita a aquisição de novos conhecimentos, cada leitura abre novas leituras.” (SAMPAIO, 1993, p.76)

**4 A ESCRITA**

Conhecer as letras é apenas um caminho para o letramento, que é o uso social da leitura e da escrita. Para formar cidadãos atuantes, é preciso conhecer a importância da informação sobre letramento e não de alfabetização.

Letrar significa colocar a criança no mundo letrado, trabalhando com os distintos usos de escrita na sociedade. Essa inclusão começa muito antes da alfabetização, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social. O letramento é cultural, por isso muitas crianças já vão para a escola com o conhecimento alcançado de maneira informal absorvido no cotidiano. Ao conhecer a importância do letramento, deixamos de exercitar o aprendizado automático e repetitivo, baseado na descontextualização. Os pais exercem uma grande influência neste processo pois é através deles que as crianças se sentem motivadas a explorar este mundo letrado.

Na escola a criança deve interagir firmemente com o caráter social da escrita e ler e escrever textos significativos. A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita pelo indivíduo ou grupos de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. Neste momento o professor entra com um papel muito importante que é o de motivador e facilitador oferecendo ao aluno recursos significativos que permitam que ele aprenda de forma natural e prazerosa.

A alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento como incício da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes de caráter prático em relação a esse aprendizado, entendendo que a alfabetização e letramento, devem ter tratamento metodológico diferente e com isso alcançar o sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada nas nossas escolas.

Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir selecionando o que desperta interesse. Letramento é ler histórias com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer dos personagens, os melhores amigos. É descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender quem a gente é e descobrir quem podemos ser.

A escrita é algo com o que nós, adultos, estamos tão envolvidos que nem nos damos conta de como vive alguém que não lê e não escreve, de como a criança encara essas atividades, de como de fato funciona esse mundo caótico e complexo, que nos parece tão familiar e de uso fácil.

É comum os professores de alfabetização saberem muito pouco sobre a natureza da escrita, de como funciona e como deve ser usada em diferentes situações.

Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização. Espera-se que a criança, no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta.

Na sala de aula da Educação Infantil a sequência alfabética é um instrumento valioso e deve estar afixado na parede e na altura da criança. Para que o alfabeto realmente ajude na compreensão do funcionamento da escrita, é preciso saber usá-lo. Isoladamente, ele não é nada além de uma lista de letras. Apenas mandar a criança ler a sequência de A a Z não faz ninguém avançar na alfabetização. Memorizar a ordem das letras é importante, mas esse saber deve ser acionado pelas crianças durante atividades de reflexão sobre a escrita.

O alfabeto com letras de forma é muito mais fácil de aprender e reproduzir que a cursiva. Há controvérsia, e existe alguns métodos de alfabetização que ensinam a escrever pela letra cursiva, alegando que a criança que aprende a escrever com letras de forma tem de aprender depois a fazê-lo com letras cursivas, representando um trabalho em dobro, sendo inconveniente porque pode levar a criança a confundir esses dois modos de escrever.

Alguns professores fazem muita questão de enfatizar o uso da escrita cursiva e esquecem de verificar o que a escrita representa para a criança. O trabalho sistemático de escrita e leitura durante a alfabetização sempre será um desafio, mesmo que a criança tenha contato frequente com livros infantis, gibis ou que veja adultos lendo e escrevendo.

Com relação à escrita, o que vemos é a imposição de um modelo, sem qualquer possibilidade espacial ou temporal, para a experimentação, tentativas e descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa, a fazer cópias de vários traçados, num verdadeiro exercício manual. Porém, muitos exercícios de controle motor que se encontram nas atividades oferecidas são desprovidos de qualquer planejamento educativo para a escrita, ou, na maioria dos casos, são elaboradas com o objetivo específico de treinar a arte de escrever. A escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever.

Partindo das expectativas das crianças, a escola pode discutir com elas outros aspectos da escrita que talvez elas não tenham visto ou em que nem sequer pensaram. Escrever é também uma forma de expressão artística e até um passatempo. As crianças podem ficar muito motivadas para escrever; por outro lado, se elas não tiverem uma motivação real, poderá ser inútil mostrar-lhes toda a parafernália de letras e rabiscos própria da alfabetização. A maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional.

**5 A LEITURA**

Escrever e ler são duas atividades de alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. Na escola ensina-se a ler e escrever as letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. Na prática, ao longo do ano escolar, se dá muito mais ênfase à escrita do que à leitura. Exige-se muito mais do aluno com relação à escrita do que com relação à leitura. Isso se deve ao fato de a escola saber avaliar mais facilmente os acertos e erros de escrita e não saber muito bem o que o aluno faz quando lê, sobretudo quando ele lê em silêncio. E a escola tem a mania de querer controlar tudo. O privilégio da escrita sobre a leitura na escola se deve a essa maior facilidade de avaliação escolar.

Porém, ler, principalmente nos primeiros anos da escola, parece uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de textos, ou talvez até mais importante. No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Ainda mais: há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo pessoas que vivem nas cidades, precisam ler pelo menos placas de ônibus, outdoors, números, placas, nomes, etiquetas, documentos, etc.

Dados os problemas sérios de repetição e evasão escolar, seria bom que a escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente com a ortografia, e desse maior ênfase à leitura, desde a alfabetização.

Acredita-se que aprender a ler é mais fácil do que aprender a escrever. Uma criança na Educação Infantil pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar os sons das letras em diversos contextos, e se pôr a ler pequenos textos de cujo conteúdo já tem conhecimento, como canções, provérbios, adivinhações, enigmas, etc. Se esse tipo de atividade for intensificado, a criança passa a ter outro tipo de contato com a escrita, que não é simplesmente um jogo de montar e desmontar sílabas e palavras. Com isso, a criança terá a vantagem de adquirir uma visão mais real do que a escrita é e de como funciona, o que lhe facilitará inclusive o aprendizado da própria forma ortográfica nas séries do Ensino Fundamental. Aprendidos os primeiros segredos da leitura, as crianças ficam ávidas por ler e, na grande maioria dos casos, frustram-se pela falta de material de leitura. Daí, a importância dos espaços de aprendizagem ou “cantinhos” na Educação Infantil. A implementação de “cantinhos” na Educação Infantil parte da necessidade de auxiliar no processo ensino-aprendizagem, sendo um ambiente permanente onde a criança aprende de forma lúdica e prazerosa. Para o alcance desse objetivo a sala de aula na Educação Infantil precisa ser um ambiente acolhedor, alegre, mágico, rico em materiais pedagógicos, colorido, dinâmico, instigante, contextualizado e com cadeiras e mesas adequadas para a faixa etária das crianças. Para isso, compete a escola e ao professor pensar num espaço em que as crianças sejam reconhecidas como sujeitos ativos que participam e intervêm no que acontece ao seu redor, pois suas ações são formas de recriação e reelaboração do mundo, sendo elas respeitadas e compreendidas como produto e produtoras da história e da cultura em que estão inseridas.

Os “cantinhos” de aprendizagem têm que possibilitar emergir todas as dimensões humanas (a lúdica, a fantasia, a artística, a imaginação, etc), ou seja, propiciar à criança ampliar suas experiências e o mundo de referências afetivas, contribuindo assim para a construção de sua identidade e compreensão do mundo, além de reforçar as habilidades de aprendizagem e comunicação e seu envolvimento em atividades e relações significativas.

Esses espaços são visto como um intercâmbio social importante para a aprendizagem. Nele as crianças constroem juntas seu conhecimento sobre o mundo através da atividade compartilhada, da comunicação e da cooperação, ou seja, precisa garantir o bem-estar e favorecer aprendizagem através dos relacionamentos sociais. Uma ótima sugestão na Educação Infantil é que o cantinho da leitura deverá ser montado com um tapete e almofadas para que as crianças possam ouvir as histórias mais à vontade, contendo também, um cesto com diversos gibis e livros coloridos e adequados à faixa etária da criança. Nesta idade a criança ainda não está alfabetizada, portanto ela poderá manusear os livros, fazendo a leitura das imagens, ou o reconhecimento de algumas letras, e aproveitará, dos momentos de leitura proporcionados pela professora, um momento “deleite.”

Após a leitura, o professor pode reservar um momento para que as crianças verbalizem sobre a história lida, ou reconte-a oralmente. Quanto mais acentuamos no dia-a-dia da criança, momentos de leitura, mas estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento. Para tanto, é preciso repensar esses procedimentos em relação à leitura e escrita, dando um lugar de maior prestígio à leitura desde o início do processo de alfabetização. Assim, uma criança que aprende a ler toma velocidade no aprendizado nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que, desde a Pré-Escola, essa dinâmica é enfatizada, pois uma criança que não lê encontrará dificuldades, e pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo muito bem o que esta é e nem como funciona.

O objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. A leitura é uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, de valor técnico para a alfabetização, é um grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar.

A maneira como a escola costuma introduzir as crianças na leitura, através de famílias silábicas, como o “ba-be-bi-bo-bu” ou com textos mal escritos, enfadonhos e descontextualizados, pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. Se a escola insistir muito nisso, a criança pode se tornar um leitor que lê silabando ou, quando muito, um leitor de palavra por palavras, com pausas, o que não é correto. É fundamental, deixá-la ler, levando-a a refletir sobre as estratégias de leitura e o conteúdo do texto. Quando não sabem ler alguma palavra e julgam necessário saber, elas perguntam, como fazem desde pequenas em relação às histórias que lhes são contadas ou quando ouvem algo na televisão ou rádio e querem saber o que significa. Não é preciso explicar o significado de todas as palavras de um texto antes que a criança se ponha a lê-lo. Pelo contrário, deve-se deixar a criança ler primeiro e depois resolver suas dúvidas à medida que ela perguntar.

**6 RELATO DE EXPERIÊNCIA UTILIZANDO GÊNEROS TEXTUAIS**

Morais e Albuquerque (2002, p.69) destacam

(...) que crianças que vivem em ambientes letrados não só se motivam precocemente para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a poder refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades. Disso deriva uma implicação pedagógica fundamental (...) a escola precisa assegurar a todos os alunos, diariamente, a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados. (MORAIS e ALBUQUERQUE, 2002, p.69)

Corroborando com a concepção dos autores, apontamos, ao longo deste relato, a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais e afirmamos conforme Bakthin (2003) que “uma prática pedagógica na perspectiva do letramento necessita abranger os diversos gêneros textuais.”

O trabalho desenvolvido com os gêneros textuais deve propiciar aos alunos a participação na construção de sentido do texto efetivando, desta maneira, a aquisição da aprendizagem. O professor deve preocupar-se em ensinar os alunos a dominar um gênero textual de forma gradual.

Ao propor um trabalho de interação do aluno com os gêneros textuais o professor estará aproximando-o da realidade cotidiana, facilitando sua compreensão funcional e o domínio sobre eles contribuindo para a prática da leitura e da escrita.

Para aprofundamento da importância dos gêneros textuais, tomamos como norte para tal reflexão, o conceito de Gênero defendido por Bakhtin (1997). Conforme o autor, os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos, extremamente ligados aos contextos nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis. Assim, a imensa diversidade de gêneros é que forma a língua.

Gêneros textuais são línguas em uso social, seja quando usamos a língua na escola ou fora dela para nossa comunicação, ou usamos gêneros escritos ou falados. São linguagens em uso, são línguas vivas, pois são instrumentos indispensáveis a todos os sujeitos para sua comunicação. O fato de todas as pessoas dominarem pelo menos alguns gêneros dá uma base para que elas possam aprender outros, de forma infinita. Assim, todos os professores devem proporcionar esse trabalho, trazendo para a sala de aula, panfletos, jornais, cartas, receitas, convites, anúncios, bulas, folders, etc. Nesse sentido, Marcuschi relata que

Existem gêneros que circulam necessariamente em toda a população como formas organizadoras da vida social. São eles os documentos em geral: as contas e notas; nomes de ruas; endereços; cédulas de dinheiro; atestados; formulários, etc. O certo é que o cidadão, mesmo quando não letrado em alto nível serve-se de um sem-números de gêneros, mas em sua maioria bastante regulados e padronizados. Diante disso, pode-se indagar se a escola deveria trabalhar com estes preferencialmente ou se deveria deixá-los de lado (MARCUSCHI, 2005, p. 32).

Na sociedade em que vivemos, cada vez mais, faz-se necessário conhecer e saber utilizar variados gêneros textuais, entretanto, é de fundamental importância que o professor apresente questões a esse respeito que proporcionarão o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e escrita, como consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação concreta.

Mediante as crescentes transformações e exigências da sociedade e do mercado de trabalho, quanto à capacidade de ler e interpretar texto, faz-se necessário um trabalho diversificado e criativo que dê um embasamento para que o aluno saia com uma mente aberta, com capacidade de interagir com as diversas linguagens, fazer uso dos diversos gêneros textuais, transformar, criar, produzir de acordo com o que é exigido.

Bakhtin (2003) comenta que, no momento atual, podemos contar com grandes variedades de gêneros que circulam em nossa sociedade. E, assim, quanto mais um gênero circula, mais ele se modifica e se renova conforme as alterações e mudanças da sociedade se adaptam e se multiplicam, assim, não podemos tomar os gêneros como fórmula pronta e acabada, faz-se necessário ter sensibilidade para as combinações dos gêneros, não podemos tomá-los como se fossem peças que se sobrepõem às estruturas sociais. Pois, como afirma Marcuschi

(...) o estudo dos gêneros é uma área produtiva para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Em geral, os gêneros se desenvolvem de maneira dinâmica e novos surgem com o desmembramento de outros, como, a televisão, o rádio e a Internet (MARCUSCHI, 2005, p.19).

Conforme Bonini (2003), para que o professor possa proporcionar ao seu aluno uma leitura crítica de mundo e do texto, é necessário que ele procure conhecer profundamente teorias que permitam trabalhar de forma adequada com gêneros. Para isso, o professor precisa adotar um tipo de gênero e, a partir dele, delinear meios de como introduzi-lo adequadamente em sala de aula.

A escolha dos gêneros levará em consideração os objetivos visados, o lugar social, os papéis dos participantes e uma real adaptação entre gênero e valores particulares. É utilizado como meio de articulação entre práticas sociais e os objetivos escolares, particularmente, no que diz respeito ao ensino da produção e compreensão de textos, escritos ou orais. É por meio dos gêneros que essas práticas se encarnam nas atividades de aprendizagem, justamente em virtude de seu caráter intermediário e integrador.

A oportunidade também me proporcionou momentos de pesquisas, de estudos complementares ajudando-me a refletir e indagar um novo olhar sobre a temática: um olhar curioso, indagador e criativo.

Existem muitas formas de trabalhar os gêneros na prática. O plano de aula que acompanha este relato é uma proposta de trabalho realizada por mim em uma escola da rede municipal de ensino.

A atividade proposta foi muito além de só explicar as características do gênero Crônicas. A função do gênero aplicado na aula foi um meio para desenvolver nas crianças comportamentos leitores, aprender procedimentos que leitores experientes usam para fazer perguntas e fazer colocações pertinentes e pôr em jogo os conhecimentos sobre a escrita considerando as características do gênero.

Enfim, vale destacarmos que quando os gêneros são ensinados como instrumentos para a compreensão da língua, não importam quantos ou quais são trabalhados, desde que o objetivo seja usá-los como um jeito de formar alunos que aprendam a ler e escrever de verdade.

**Plano de Aula**

**Série**: Ensino Infantil Creche

**Conteúdo**: Leitura Caixinhos Dourado e os Três Ursos

**Estratégia**: Um conto

**Objetivos**:

* Desenvolver atenção
* Ilustrações
* Desenvolver a oralidade
* Estimular a participação e interação dos bebês
* Fantoche
* Construir contato com o livro
* Brincadeiras.

**Desenvolvimento:**

**1º Momento**

Iniciei a aula, conversando informalmente, com os alunos sobre o que é um conto, para desenvolver um conhecimento prévio a respeito da temática. Em seguida, realizei uma roda no chão com as crianças todas sentadas em circulo, e apresentei o livro. Sendo assim, ao virar cada página fui descrevendo com uma entonação vocal toda a profundidade da historia, e repetindo palavras e sílabas para que as crianças desenvolvam sua oralidade. Conversamos sobre:

* Mingal
* Tamanhos
* Obediência
* A importância de respeitar o papai e a mamãe.

Após, os alunos puderam apreciar o livro e suas gravuras.

**2º Momento**

Elaborei uma gravura com o rostinho da Caixinho Dourado, impresso em papel A4, e seu cabelo encaracolado, usando os dedinhos das crianças, pintamos na cor amarela.

**3º Momento**

Usando giz de cera, colorimos a família dos três ursinhos.

**Avaliação**

A princípio os alunos tiveram algumas dificuldades, devido à falta de habilidade com esse tipo de material, mas com minha mediação pedagógica os alunos conseguiram desenvolver cada atividade. Vale salientar, que um trabalho bem realizado em uma turminha na faixa etária de 6 meses a 1 ano, é um trabalho onde cada ação é uma conquista. Cada criança está aprendendo a cada dia sobre o mundo em que está inserido, e a cada dia aprende e desenvolve algo novo. Sendo assim, propiciando o uso adequado da linguagem, é muito gratificante e significativo à prática docente na aprendizagem do aluno. A utilização do gênero Conto como um “instrumento” para o ensino da leitura de textos na minha salinha, me propiciou momentos ricos e cheios de encantamento.

Segundo Smith (1999, p.13)

A responsabilidade do professor não é ensinar as crianças a ler, mas a de tornar a aprendizagem da leitura possível (...) nós adquirimos essas habilidades somente através da prática da leitura. Na maior parte do tempo não temos sequer consciência de quais são essas habilidades e quando e como as adquirimos. E certamente elas não são questões explicadas para a maioria dos professores ou pais, ou mesmo para aquelas crianças que estão aprendendo a ler, as quais são, na verdade, as que mais se beneficiaram em aprender que a leitura é conquistada com a experiência e não com o ensino (SMITH, 1999, p.13).

**Observação**

Durante minha observação-participativa pude perceber que os alunos gostam muito de ouvir histórias contadas. O que me emociona consideravelmente, pois desde crianças é um gênero que sempre tive muito apreço, e observo que tal circunstância faz com que eu me sinta familiarizada com as aulas, tornando as aulas mais fáceis e prazerosas.

Com uma narrativa breve, o conto é escrito em um formato de prosa, e com uma menor complexidade, oque facilita o entendimento por crianças menores de 5 anos.

A origem deste gênero literário está vinculada a contação de histórias de forma verbal.

A língua inglesa utiliza o termo “Tule" para descrever o gênero “Conto", ou seja, o mesmo é um texto curto onde relata temas fantasiosos ou folclóricos. Termo este, que com o passar dos anos ganhou da escrita inglesa a forma “short story", na qual a única necessidade expressa para o conteúdo precisa ser a prosa e breve narrativa.

Em contrapartida com o Chronos, que é a objeção do tempo contato pelo relógio de onde não conseguimos ter controle, o Kairós representa tempo de qualidade. Tempo este que é oportuno, onde se faz um momento memorável, ou uma circunstância ser inesquecível. É neste mesmo tempo, que pude apreciar os bebês atuarem como leitores, observando diferentes versões a cada página, onde os mesmos puderam tocar nas imagens e se encantar. Também a oralidade, onde apreciaram a minha entonação nas palavras lidas em voz alta, e na integração entre eles, e com as atividades de diferentes materiais.

As atividades realizadas são um exemplo de um trabalho com diferentes linguagens: a linguagem oral e a linguagem artística, e podem demonstrar pistas sobre as leituras que as crianças mais se identificam.

**7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A reflexão e discussão sobre a alfabetização e letramento na Educação Infantil foi uma constante no trabalho ora apresentado. A alfabetização sempre foi foco de discussão na educação. Em determinado momento discutiam-se os métodos e, com isso, o ensino enfatizava o código lingüístico. Em outro momento, pautado nos estudos construtivistas a preocupação era como a criança se apropria deste sistema, e por isso, o ensino visava à imersão da criança no mundo da escrita por meio de textos.

Estes momentos anteriores foram importantes e necessários na medida em que são processos históricos e sociais, mas fundamentalmente, são essenciais para que pudéssemos perceber que tanto a apropriação do sistema de escrita como o trabalho com os textos são indispensáveis na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Vivenciamos um momento de busca de equilíbrio em que se percebe a importância de que o aprendizado do sistema alfabético aconteça apoiado na ideia da língua em uso. Com o desenvolvimento econômico, social e tecnológico somente o acesso ao mecanismo da escrita não é suficiente para que o indivíduo participe da sociedade; é preciso, além de ser alfabetizado, saber fazer uso da leitura e da escrita nos contextos sociais em que circula.

Educadores preocupam-se em como promover a parceria destes dois conceitos em sala de aula. Para tanto, além dos aportes teóricos sobre o tema, o MEC também preocupado com essa questão, oferta e prepara os professores em cursos de formação continuada como o Pró-Letramento e PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa).

Na Educação Infantil, as crianças recebem informações sobre a escrita quando: brincam com a sonoridade das palavras, reconhecendo semelhanças e diferenças entre os termos; manuseiam todo tipo de material escrito, como revistas, gibis, livros, fascículos etc.; e o professor lê para a turma e serve de escriba na produção de textos coletivos. Algumas crianças estão imersas nesse contexto, convivendo com adultos alfabetizados e com livros em casa e aprendendo as letras no teclado do computador. Elas fazem parte de um mundo letrado, de um ambiente alfabetizador. Outros não: há as que vivem na zona rural, onde a escrita não é tão presente, e as que, mesmo morando em centros urbanos, não têm contato com pessoas alfabetizadas e com os usos sociais da leitura e da escrita. Grande parte das crianças da escola pública depende desse espaço para ter acesso a esse patrimônio cultural.

A Educação Infantil é uma etapa fundamental do desenvolvimento escolar das crianças. Ao democratizar o acesso à cultura escrita, ela contribui para minimizar diferenças socioculturais. Para que os alunos aprendam a ler e a escrever, é preciso que participem de atos de leitura e escrita desde o início da escolarização. Se a Educação Infantil cumprir seu papel, envolvendo os pequenos em atividades que os façam pensar e compreender a escrita, no final dessa etapa eles estarão naturalmente alfabetizados (ou aptos a dar passos mais ousados em seus papéis de leitores e escritores).

Diante disso, pode-se perceber que o alfabetizar e letrar não é somente uma inquietação dos docentes, mas uma proposta que precisa estar presente nas salas de aula. E alfabetizar os alunos na Educação Infantil e séries iniciais tem implicações em todo o desenvolvimento deles nos anos seguintes. A leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar a criança à cultura do grupo em que ela vive. Por isso, requer do professor para enfrentar esse desafio um trabalho planejado, de pesquisa, diária e sua constante atualização sobre as teorias e didáticas específicas sobre a prática pedagógica alfabetizadora.

Mediante todo o exposto, concluo e proponho a alfabetização como um processo das leituras, das escritas e das interpretações das mais variadas linguagens verbais e não verbais que ocorre antes, durante e após a vida escolar do aluno.

E espero que a Educação Infantil tenha como um de seus objetivos contribuir para o processo de alfabetização das crianças e não seja apenas uma preparação para o Ensino Fundamental e que tampouco se preocupe exaustivamente com que as crianças saiam da pré-escola sabendo ler, escrever e contando de zero a cem. Contribuição que pode se realizar, por exemplo, através da oferta de oportunidades de escrita das palavras ao moldar letras com massinhas, ao cantar uma música, ao realizar um teatro, ao participar de um jogo pedagógico, manusear o alfabeto móvel, ao ler imagens, e etc.

Assim, a prática docente ideal para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental ao se alfabetizar é aquela que se preocupa em alfabetizar letrando. Essa prática é impedida pela falta de material didático adequado, de apoio pedagógico e de uma formação específica sobre alfabetização e letramento, como foi constatado nesse estudo. É papel de todo educador alfabetizador não voltar sua atenção apenas para a aprendizagem da língua escrita no sentido da aquisição das convenções do sistema alfabético, mas também considerar importante o desenvolvimento da percepção sobre os usos e práticas sociais da escrita. A função do professor, ao alfabetizar uma criança na perspectiva do letramento, sobretudo uma criança oriunda das classes sociais menos favorecidas, se amplia, pois insere essa criança no mundo da cultura escrita. Com isso, alfabetizar letrando significa muito mais que um compromisso pedagógico, é também um compromisso político e social.

**REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mario, GAUDECZKA, Beatriz, BRITO, Karen Siebeneicher (Org.) **Gêneros textuais**: **reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2003.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil, v.1. Brasília: Parma, 1998.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução: Horácio Gonzáles (et.al.), 24, ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_\_ e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução: Diana Myriam, Liana Di Marco – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

GARCIA, Regina Leite. **Revisitando a pré-escola.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORAIS, Artur Gomes e ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e Letramento**: O que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando? In ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de e LEAL, Telma Ferraz (orgs.) Alfabetização de Jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KRAMER, S. **Educação Infantil: Enfoque em diálogos.** Campinas, SP: Papirus, 2011. pp.349 – 366.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. In: Revista Brasileira de Educação. nº 25, Rio de Janeiro. jan/abr. 2004.